



Entrevista publicada em: Revista Sinapsys News

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 35 | p. 08 | Fevereiro/2026

RESUMO: Esta entrevista, concedida à revista *Sinapsys News* pelo Dr. Richard Munhoz, analisa o feminicídio como um fenômeno multifatorial que articula dimensões estatísticas, culturais e psíquicas. Partindo de dados recentes sobre a incidência de feminicídios no Brasil, o diálogo propõe uma leitura que ultrapassa a esfera jurídica e o compreende como sintoma de falhas na elaboração emocional e na transmissão social de limites. Sob a perspectiva psicanalítica, discute-se a relação entre masculinidade fragilizada, narcisismo vulnerável, baixa tolerância à frustração e déficit empático, bem como os processos de socialização que contribuem para a naturalização da violência. A entrevista enfatiza o papel formativo da família, especialmente das funções materna e paterna, na construção da regulação emocional e da responsabilidade ética. Amplia-se, ainda, a discussão para o âmbito institucional, destacando a função preventiva de escolas, igrejas e empresas na promoção de culturas baseadas em reconhecimento mútuo. Por fim, aborda-se a identificação precoce de sinais de risco em relacionamentos e a importância de redes interinstitucionais de proteção, articulando contribuições da psicanálise e da neurociência para a compreensão e prevenção da violência de gênero.

Palavras-Chave: Feminicídio; Violência de Gênero; Masculinidade; Psicanálise; Prevenção da Violência; Educação Emocional.

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 16 de fevereiro de 2026

Entre o Amor e o Controle: As Raízes Psíquicas do Feminicídio no Brasil

Dr. Richard Munhoz Munhoz

Entrevista cedida à Sinapsys News

25 de Fevereiro de 2026

Quais os atuais dados estatísticos sobre feminicídio no Brasil e quanto isso representa no total de assassinatos no país?

Os dados mais recentes mostram que o Brasil vive hoje um cenário bastante alarmante em relação ao feminicídio. Registros oficiais indicam que o país ultrapassou



a marca de 1.500 casos anuais, o que significa, em média, cerca de quatro mulheres assassinadas por dia simplesmente por serem mulheres. Quando comparamos esses números com o total de homicídios dolosos registrados no país, o feminicídio representa aproximadamente 4% dos assassinatos. À primeira vista, pode parecer um percentual pequeno, mas essa impressão é enganosa.

O feminicídio não deve ser lido apenas como um dado estatístico. Ele funciona como um indicador qualitativo da forma como a violência está estruturada em nossa sociedade. Cada caso é, na verdade, o desfecho de uma escalada progressiva de agressões psicológicas, morais e físicas. Do ponto de vista clínico e social, quase nunca se trata de um evento súbito. Em geral, ele é precedido por sinais claros que foram minimizados, naturalizados ou ignorados ao longo do tempo.

A psicanálise nos ajuda a ampliar essa compreensão. A violência de gênero não é somente um problema jurídico; ela também expressa um sintoma cultural. Freud já apontava que a vida em civilização exige a contenção de impulsos destrutivos e que, quando esse processo falha, a agressividade tende a retornar de maneira brutal (Freud, 1930). O feminicídio pode ser entendido justamente como a forma extrema dessa falha, um momento em que o outro deixa de ser reconhecido como sujeito e passa a ser tratado como objeto descartável.

Por isso, mais do que números frios, esses dados evidenciam a urgência de intervenções preventivas que integrem saúde mental, educação e políticas públicas. Estamos diante de um fenômeno que exige respostas articuladas e contínuas, e não apenas reações pontuais.

Na sua avaliação, feminicídio é sintoma de uma masculinidade emocionalmente doente. Detalhe os sintomas dessa doença.

Quando se fala em masculinidade emocionalmente adoecida, eu não estou me referindo a uma patologia do masculino em si, mas a determinadas formas empobrecidas de organização psíquica que transformam o vínculo amoroso em um espaço de dominação. O que aparece com frequência é um narcisismo muito frágil, que depende do controle do outro para se sustentar. O parceiro deixa de ser percebido como sujeito autônomo e passa a funcionar como uma extensão do próprio Eu. Freud já



descrevia como feridas narcísicas podem desencadear reações intensas de agressividade quando a autoimagem do sujeito se sente ameaçada (Freud, 1914).

Outro sintoma importante é a baixa tolerância à frustração. Trata-se de uma dificuldade de elaborar simbolicamente perdas, rejeições e limites. Em vez de pensar e elaborar o conflito, o sujeito tende a descarregá-lo em forma de ação violenta. Nesses casos, há também uma confusão entre amor e posse: o ciúme deixa de ser uma emoção transitória e se transforma em vigilância constante. Melanie Klein mostrou como relações marcadas por ansiedade persecutória podem converter o outro em objeto de controle, e não de reconhecimento (Klein, 1946).

Por fim, costuma haver um empobrecimento da empatia. A dificuldade de reconhecer o sofrimento do outro indica falhas no desenvolvimento da capacidade de preocupação genuína com o semelhante, aquilo que Winnicott chamou de capacidade de concernimento (Winnicott, 1965). Sem essa dimensão, o outro é reduzido a função e utilidade, e não vivido como pessoa.

Por que essa doença se manifesta (quais as causas)?

Não existe uma causa única ou simples. O que observamos é a convergência entre fatores individuais, familiares e culturais. A socialização masculina tradicional, por exemplo, ainda ensina muitos meninos a reprimir emoções consideradas sinais de fraqueza, ao mesmo tempo em que associa masculinidade à dominação e ao controle. Isso empobrece o repertório emocional disponível para lidar com frustração e conflito.

Do ponto de vista do desenvolvimento psíquico, histórias de apego inseguro, exposição precoce à violência e falhas na continência emocional familiar contribuem para a construção de defesas rígidas. Winnicott descreveu como ambientes que não sustentam adequadamente a espontaneidade da criança favorecem a formação de falsos selfs defensivos (Winnicott, 1965). Esses sujeitos crescem com dificuldades de simbolizar afetos intensos.

Há ainda fatores contextuais que funcionam como catalisadores, como abuso de substâncias, acesso facilitado a armas e crises relacionais. A neurociência mostra que o estresse crônico pode comprometer circuitos de regulação emocional, aumentando impulsividade e agressividade (Damasio, 1996). Em síntese, estamos diante de um



fenômeno que combina aprendizagem cultural e dificuldades psíquicas na elaboração do limite.

Qual deve ser o papel da mãe na educação dos filhos homens?

Quando falamos do papel da mãe, é importante pensar em termos de função psíquica. A função materna é decisiva para introduzir a criança no mundo emocional. É nesse vínculo inicial que o menino aprende a nomear afetos, reconhecer frustrações e desenvolver empatia.

Uma mãe que valida emoções sem humilhar e que estabelece limites consistentes ensina algo fundamental: o vínculo pode sobreviver ao conflito. Isso é a base da responsabilidade emocional. Winnicott descreve esse processo como parte essencial de um ambiente suficientemente bom, que permite ao sujeito desenvolver preocupação genuína com o outro (Winnicott, 1965).

Também é importante que a mãe não reforce estereótipos que associem masculinidade à dominação. A educação emocional precoce é um dos pilares mais sólidos na prevenção de comportamentos violentos no futuro.

Qual deve ser o papel do pai na educação dos filhos homens?

O pai ocupa um lugar central como modelo identificatório. Mais do que o que ele diz, é a forma como ele se comporta que ensina ao filho o que significa ser homem. Um pai que demonstra respeito, autocontrole e capacidade de reparar seus próprios erros oferece um modelo de masculinidade madura e responsável.

Na teoria freudiana, a função paterna está associada à internalização da lei simbólica e à organização do superego (Freud, 1923). Em termos práticos, isso significa ajudar o filho a tolerar frustrações e compreender limites. Aprender a lidar com o “não” sem recorrer à violência é uma competência essencial para a vida afetiva e social.

Quando o pai participa ativamente da educação emocional do filho, ele contribui para a construção de uma masculinidade menos defensiva e mais capaz de diálogo.

Onde pais e mães estão falhando nesse sentido?



Uma falha recorrente é a educação desigual entre meninos e meninas. Muitas famílias ainda educam meninos para o privilégio e meninas para a adaptação, o que perpetua assimetrias de poder. Outra dificuldade frequente é o silenciamento emocional. Crianças que não aprendem a simbolizar seus afetos tendem a expressá-los por meio de ações impulsivas.

Freud já observava que aquilo que não é elaborado psiquicamente tende a retornar como sintoma (Freud, 1917). Além disso, há uma tendência cultural de minimizar microviolências, como ciúme excessivo e comportamentos de controle, que são justamente os primeiros degraus de uma escalada abusiva.

Por fim, muitos pais acabam terceirizando a educação ética para a escola ou para outras instituições, enfraquecendo o diálogo cotidiano sobre respeito, responsabilidade e convivência.

Como é possível prevenir o feminicídio e promover relacionamentos harmônicos?

A prevenção do feminicídio exige uma abordagem ampla e articulada. Em primeiro lugar, é fundamental investir em educação socioemocional desde a infância, ensinando empatia, consentimento e formas saudáveis de resolver conflitos. Isso fortalece a capacidade do sujeito de lidar com frustração sem recorrer à violência.

Em segundo lugar, é essencial que existam redes de proteção capazes de identificar precocemente sinais de risco e interromper a escalada da agressão. O feminicídio, na maioria das vezes, é o ponto final de um processo que poderia ter sido interrompido.

Também é necessário trabalhar com responsabilização e tratamento de agressores. A punição isolada raramente transforma padrões psíquicos arraigados. Intervenções terapêuticas focadas em regulação emocional e reeducação relacional são componentes importantes da prevenção.

Do ponto de vista psicanalítico, prevenir a violência significa ampliar a capacidade simbólica do sujeito de lidar com diferença, limite e frustração. Feminicídio é, em última instância, o fracasso dessa elaboração.



Quais são os sinais precoces de risco em um relacionamento e quando procurar ajuda?

Os sinais precoces de risco em um relacionamento quase nunca começam com violência física. Em geral, eles aparecem primeiro como pequenas formas de dominação psíquica que vão se naturalizando no cotidiano. Do ponto de vista clínico, o que observamos é uma escalada progressiva: o vínculo deixa de ser um encontro entre dois sujeitos e passa, pouco a pouco, a funcionar como uma relação de posse.

Entre os sinais mais importantes estão o controle excessivo, como o monitoramento constante de redes sociais, a restrição de amizades ou a exigência permanente de justificativas, e a desqualificação emocional, quando um parceiro invalida sistematicamente a percepção do outro. Esse processo vai corroendo a autonomia psíquica da vítima e criando uma dinâmica de dependência. Melanie Klein já descrevia como relações marcadas por ansiedade persecutória tendem a transformar o outro em objeto de controle, e não de reconhecimento (Klein, 1946).

Um outro sinal crítico é o ciúme patologizado, muitas vezes romantizado culturalmente como prova de amor. Na clínica, ele revela uma dificuldade profunda de simbolizar a separação e a alteridade. Freud apontava que a incapacidade de tolerar perdas narcísicas pode mobilizar impulsos destrutivos quando o sujeito sente sua integridade imaginária ameaçada (Freud, 1914). Quando o amor se confunde com posse, o relacionamento deixa de ser um espaço de encontro entre diferenças e passa a ser um campo de vigilância.

Também merecem atenção as ameaças veladas, a intimidação psicológica, a alternância entre momentos de afeto intenso e hostilidade abrupta e o isolamento progressivo da vítima de sua rede de apoio. Esses movimentos indicam aquilo que Winnicott chamaria de falha do espaço potencial do relacionamento: já não há lugar para espontaneidade, apenas para adaptação defensiva (Winnicott, 1965).

Procurar ajuda torna-se fundamental no momento em que o medo entra na relação, mesmo que de forma sutil. O medo é um marcador psíquico decisivo, porque sinaliza que o vínculo deixou de ser continente e passou a ser ameaçador. Buscar apoio profissional, jurídico ou comunitário não é exagero; é uma forma de interromper preventivamente uma escalada que costuma ser previsível. A violência grave raramente



surge de repente, ela quase sempre é precedida por um histórico de sinais que foram ignorados ou minimizados.

Do ponto de vista neurocientífico, sabemos que relações marcadas por estresse crônico afetam circuitos de regulação emocional e julgamento, reduzindo a capacidade de decisão sob ameaça (Damasio, 1996; LeDoux, 1996). Isso ajuda a explicar por que muitas vítimas encontram dificuldade para sair de relações abusivas sem apoio externo. Procurar ajuda é, portanto, um movimento de restauração da autonomia psíquica.

Qual o papel da escola, das igrejas e das empresas na prevenção da violência contra a mulher?

A prevenção da violência contra a mulher não pode ser pensada apenas dentro do espaço doméstico. Estamos diante de um fenômeno ecossistêmico, que envolve instituições que participam diretamente da formação da subjetividade. Escola, igrejas e empresas ajudam a construir os modelos de masculinidade e feminilidade que circulam socialmente. Quando ignoramos esse papel, acabamos sustentando a falsa ideia de que a violência nasce apenas de desvios individuais, quando, na verdade, ela também reflete padrões culturais compartilhados.

A escola é, muitas vezes, o primeiro grande espaço social onde a criança aprende a conviver com a alteridade. Por isso, ela tem um papel central na educação emocional e ética. Não se trata somente de transmitir conteúdo acadêmico, mas de desenvolver competências como empatia, resolução de conflitos e reconhecimento do outro como sujeito. Winnicott destacava que a capacidade de preocupação genuína com o outro, o que ele chamou de *concern*, é um marco do amadurecimento psíquico e depende de ambientes que sustentem experiências reparadoras (Winnicott, 1965). Programas escolares que abordam consentimento, igualdade de gênero e regulação emocional atuam diretamente na prevenção de formas futuras de violência.

As igrejas ocupam um lugar singular porque lidam com valores morais e com a dimensão do sentido existencial. Quando reforçam hierarquias rígidas de gênero, podem, mesmo sem intenção, legitimar relações de poder assimétricas. Por outro lado, quando enfatizam dignidade humana, responsabilidade ética e cuidado mútuo, tornam-se agentes importantes de transformação social. Uma espiritualidade integrada a uma



ética do respeito amplia a capacidade simbólica do sujeito de lidar com frustração e limite, que são elementos centrais na prevenção da agressividade destrutiva.

As empresas, por sua vez, são ambientes onde os adultos passam grande parte da vida. Organizações que toleram assédio, misoginia ou humilhação acabam reforçando padrões de violência simbólica que ultrapassam o espaço do trabalho. Em contrapartida, instituições que investem em cultura de respeito, canais seguros de denúncia e educação emocional contribuem para a formação de relações mais responsáveis. A psicanálise nos mostra que o sujeito é profundamente influenciado por seus campos de pertencimento, e a cultura organizacional funciona como um espelho coletivo que legitima ou inibe determinadas condutas.

Por isso, a prevenção efetiva depende de uma rede interinstitucional. Quando escola, igrejas e empresas assumem a responsabilidade de promover relações baseadas em reconhecimento mútuo, elas ajudam a construir uma cultura em que a violência deixa de ser tolerável. O feminicídio não é apenas um crime individual; ele também revela falhas na transmissão social de limites e valores.

SOBRE O AUTOR:

Dr. Richard Munhoz é psicanalista Clínico e Infantil, especialista em Análise e Interpretação do Desenho, psicopedagogo, neuropsicopedagogo, mestre e doutor em Ciências Médicas. Autor do livro “Análise e Interpretação dos Desenhos – Utilização dos testes projetivos nas clínicas psicanalítica e psicopedagógica” (Wak Editora).

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP
Cep: 13.484-050
E-mail: salvessac26@gmail.com